

A CONSTANTE INSTABILIDADE DA DEMOCRACIA GUINEENSE (1994 A MAIO DE 2022)

Sofonias Lopes Jó¹

Sebastião André Alves De Lima Filho²

RESUMO

A subjugação colonial desencadeou o sentimento da unidade para a libertação da Guiné-Bissau dos colonizadores portugueses. Esse sentimento patriótico e nacionalista esteve tão presente nos primeiros momentos da pós-independência, mas não demorou muito tempo para que a reprodução do sistema colonial tivesse espaço dentro do país. Os primeiros sinais da ditadura começaram após golpe de Estado de 14 de novembro de 1980, no qual o país viu-se alterar a constituição para favorecer o partido único PAIGC (Partido Africano para Independência da Guiné e Cabo-Verde). As dinâmicas para a transição democrática tiveram início após o colapso do sistema socialista em 1991, e desta forma proporcionou facilmente a adoção da democracia liberal. Desde que o Estado da Guiné-Bissau optou pela democracia, tem sido deparado com grandes problemas, desde o próprio conceito reducionista que foi atribuída até a ingerência dos militares nos assuntos políticos. Este trabalho acadêmico busca compreender os motivos da recorrente instabilidade democrática na Guiné-Bissau desde 1994 o período da realização das primeiras eleições multipartidárias até maio de 2022. Portanto, para a realização deste trabalho acadêmico, adotamos o método qualitativo de cunho bibliográfico, na qual trabalhamos com vários artigos, livros e outros documentos relacionados a temática. O resultado preliminar aponta que, o PAIGC, enquanto partido que conduziu todo o processo da democracia, subestimou a complexidade da sociedade guineense em termos socioeconômicos, educacional e étnico-cultural ao adotar a democracia. E essa herança colonial herdada, fez com que todos os partidos opositores que ganharam as eleições após a democracia perderam a confiança em relação aos outros e se tornaram opressores como PAIGC havia sido. O atual estado da democracia guineense é o reflexo da usurpação do poder do PAIGC.

Palavras-chave: PAIGC; DEMOCRACIA; INSTABILIDADE; ESTADO.

UNILAB, Bacharel em Humanidades e licenciando em Sociologia, Discente, sofoniaslopesjo2018@gmail.com¹
UNILAB, Palmares, Ceará - Instituto de Humanidades, Docente, andrealthedelima@unilab.edu.br²

INTRODUÇÃO

O presente trabalho acadêmico objetiva apresentar os motivos da instabilidade constante da democracia na Guiné-Bissau, no período compreendido entre 1994 a maio de 2022. Trata-se de um país situado na costa da África, tendo fronteiras com dois países vizinhos francófonos. Ao Norte está o Senegal e ao Sul está a Guiné-Conakry. Outrossim pode-se encontrar ao Oeste o oceano atlântico. Administrativamente, o país está dividido em 8 regiões e um setor autônomo de Bissau-SAB. O país possui de acordo com Mbundé (2018), uma superfície total de 36.125 km², com uma população estimada a 1.746.000. O território Guineense foi uma antiga colônia portuguesa, invadida no “séc. XV”. Está invasão e a dominação política e econômica da Guiné-Bissau por parte de Portugal durou cinco séculos. Após vários anos de subjugação, conseguiu proclamar sua independência no ano 1973 e um ano mais tarde reconhecida por Portugal como independente em 1974. As dinâmicas de transição da democracia na Guiné-Bissau começaram a ter lugar no início dos anos 90, tendo como precursores os líderes do partido único PAIGC. A democracia é entendida como processo da participação do cidadão através do sufrágio, para escolher o representante que possa decidir pela maioria dentro do parlamento. Mas, desde o momento da sua implementação e a realização das eleições de 1994, o país continua apresentando rupturas constantes com diferentes acontecimentos, como assassinatos, corrupção, superfluidade do sistema judicial, espancamentos dos ativistas civis e políticos, insensível funcionamento das instituições públicas e políticas, e o mais crucial, a ingerência dos militares na esfera política continua sendo habitual tanto quanto os momentos do partido único.

O renascimento africano é conhecido nos períodos das libertações e independências dos países africanos, na qual os objetivos dos Estados independentes estavam atrelado ao crescimento econômico e o desenvolvimento, sem deixar de lado os problemas sociais e políticos que estes enfrentavam. A terceira onda da democratização chegou ao continente africano com intuito de mudar os paradigmas governamentais em busca de uma sociedade equitativa ou igualitária, a liberdade de expressão contra as outras formas de opressão e violência. Esta que tinha como propósito de converter as situações sociopolíticas, está cada vez tornando difícil a sua consolidação na Guiné Bissau. O Estado guineense continua apresentando uma concepção muito reducionista ou minimalista do que é a democracia.

METODOLOGIA

Dada a essência do trabalho, entendemos que o método qualitativo na pesquisa é o mais viável e decidimos adotá-lo. Por outro lado, nos aparenta mais conveniente pela análise que tencionamos levar neste trabalho, Creswell (2010), aponta que este método visa analisar ou averiguar e compreender o determinado sentido outorgado por uma sociedade sobre um fenômeno ou um acontecimento que aparece dentro dela. Além do mais, abrange os procedimentos de coleta mais apropriado, o que nos possibilita uma análise afável do material coletado. No que toca aos procedimentos de dados fizemos no primeiro instante a pesquisa bibliográfica, na qual trabalhamos com livros, artigos, textos e outros documentos concernentes à temática que sugere o nosso estudo, priorizando os autores guineenses e outros africanos de outros países que escreveram sobre a temática.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

É sabido que a década de 60 foi marcada por vários acontecimentos nos países do continente africano, um desses problemas foi a recente saída de muitos Estados da colonização direta, recheado das profundas crises em todas as estruturas governamentais e políticas desses países em busca da construção e da consolidação do Estado-Nação. Pós-independência culminou com a proclamação do PAIGC como Partido-Estado, cujo o

símbolo da sua representação permanece até aos dias atuais como a bandeira da Guiné Bissau. Para Té e Monteiro (2020), a proclamação do PAIGC como partido-Estado e força dirigente da sociedade, trata-se da instalação de um poder elitista, com um pendor concentrado nas mãos de um grupo de pessoas. Após o colapso do modelo socialista adotado pelo PAIGC, Cardoso (1995), assegura que o país caiu nas entranhas das teorias modernistas do desenvolvimento, isto é, baseadas no paradigma da modernização, em que o desenvolvimento é visto numa perspectiva evolucionista e definidos em termos de diferenças observáveis entre países ricos e pobres. Este fenómeno de ocupar e dominar a aparelho estatal é denominado de patrimonialismo pelo Raimundo Faoro (2001), ou seja, o Estado servia de instrumento da dominação da burguesia, como aponta Marx (1993). Posto isto, Cardoso (2004), reconhece que, a elite política atual sofre, por isso, de duas heranças negativas: de uma política repressiva colonial que não deixou que se desenvolvesse uma elite política autóctone e mais tarde, do Estado pós-colonial que, por causa de uma política repressiva de partido único, não permitiu igualmente o desenvolvimento de uma sociedade civil autónoma.

Após o golpe de 14 de novembro de 1980, viu-se as alterações constitucionais, com um acúmulo de super poderes ao presidente da república (Cardoso, 2004, p.12). Ainda este autor aponta que, ao contrário do nascimento da burguesia nacional impulsionada pelo presidente, começou a destacar-se os movimentos de alguns quadros com influência notória nos lugares das tomadas de decisões. A partir desta fase, a sociedade e os membros desfavorecidos do PAIGC tinham constatado a irregularidade do governo e ganhado uma nova consciência de colocar em pauta a democratização. A democracia chegou a África como uma alternância dos modelos de governança anteriores e como uma demanda internacional para a obtenção das relações recíprocas viáveis e saudáveis, assim como às ajudas financeiras. Para Évora (2001), a grande maioria dos regimes democráticos que surgiram na terceira onda da democratização tem demonstrado pouca possibilidade de se consolidarem. Muitos desses regimes se estagnaram, transformando-se em democracias eleitorais ou minimalistas". Este é um problema da democracia guineense até os dias atuais, não apresenta a perspectiva da inclusão dos problemas sociais dentro do plano governativo. O embate entre as duas superpotências, EUA e o ex-URSS (Capitalismo vs Socialismo) com a derrota desta segunda, foi um grande marco da mudança dentro do cenário político e económico no mundo na década de 1990. Para Mendes (2010), foi neste contexto que a Guiné-Bissau, não escapuliu a implementação do sistema económico capitalista e consequentemente a transição do seu regime político para a democracia. Para Resque e Junior (2017), a democracia liberal, apresentou ao mundo como uma panaceia dos conflitos sociais.

As primeiras eleições multipartidárias de 1994 vencida pelo PAIGC criou um grande imbróglio que resultou no primeiro golpe de Estado de 7 de junho de 1998, desencadeando uma guerra civil que durou 9 meses que ceifou muitas vidas, sublinha Teixeira (2008). Com a realização das segundas eleições presidenciais e legislativa, em novembro de 1999, Kumba Yalá foi eleito para presidente da República, e o seu Partido (PRS) para o legislativo. O mandato deste, segundo Carvalho (2010), foi marcado pela promoção de grupos étnicos para se manter no poder, além de sucessivos envolvimentos em escândalos financeiros e terminou em golpe em 2003. A instabilidade política e governamental atingiu todas as instituições desde 2000 a 2012 com vários acontecimentos que marcaram a esfera social guineense. A luta pela chagada ao poder e olho por olho ganhou notoriedade dentro da classe política e militar, com detenções arbitrárias, assassinatos de várias personalidades políticas e escândalos de corrupções no aparelho estatal. A centralização das instituições governamentais e públicas tem sido um agravante problema, possui enriquecimento ilícito dos partidos em detrimento do povo. Consoante os resultados das eleições, 13 de abril de 2014, o PAIGC ganhou novamente as legislativas, enquanto o seu candidato apoiado nas presidenciais José Mário Vaz (Jomav), conseguiu-se eleger na segunda volta. Segundo Té e Monteiro (2020), Jomav demonstrou

estar preocupado com os problemas sociais, as instabilidades políticas e econômicas, e reacendeu as esperanças dos bissau-guineenses acreditando que tudo ficaria tranquilo, mas pelo contrário não aconteceu. Jomav usou da sua demagogia para se esquivar do povo.

De 2020 para maio de 2022 a Guiné-Bissau começou perambulando entre a democracia e o autoritarismo de novo com a eleição do Umaro Sissoco Embaló. Vinte e quatro horas após tomada de posse não formal, Sissoco exonerou o Primeiro-ministro do PAIGC, e começaram as invasões militares às instituições públicas do país e as residências dos membros do governo. O palácio do governo foi invadido pelos militares, em companhia esteve o Nuno Nabiam aquele que viria a ser o primeiro-ministro de Sissoco, o Supremo Tribunal de Justiça, e Instituto Nacional de Segurança Social. Qual o papel dos militares dentro dessa jogada de tomada de posse? De salientar que, o José Mário Vaz enquanto presidente da República, mantinha uma relação forte com os militares e isso possibilitou-lhe terminar o seu mandato dos cinco anos, e por outro lado, o mesmo relacionamento era aprazível com o Umaro, portanto não era de se duvidar de que a tomada de posse do Sissoco teria militares para atuar a favor. A subversão da democracia e da ordem constitucional havia acabado de começar com a instalação do presidente Umaro Sissoco, Levetsky & Ziblatt (2018), apontam que, para a ruptura duma democracia não precisa de um plano, ela pode resultar de uma sequência não antecipada de acontecimentos, uma escalada de retaliações entre um líder demagógico que não obedece às regras e um establishment político ameaçado.

CONCLUSÕES

Com base nas evidências obtidas deduzimos que, o PAIGC enquanto Partido-Estado que conduziu todo o processo da democracia, subestimou a complexidade da sociedade guineense em termos socioeconômicos, étnico-cultural, educacional e de si mesmo enquanto instituição com problemas internas ao adotar a democracia. Ao subestimar o processo da educação cívica e cidadania geraram cidadãos ignorantes e descompromissados concomitantemente com a classe política corrupta. Por outro lado, a complexidade étnica criou uma ambiguidade tanto para os cidadãos quanto para a classe política que muitas vezes recorrem ao voto étnico para se eleger. A herança colonial portuguesa herdada pelo PAIGC, e a forma como este tem manuseado o poder, fez com que todos os partidos opositores que ganharam as eleições após a democracia perderam a confiança em relação aos outros e se tornaram opressores, como o PAIGC havia sido. O passado anátema criado pelo PAIGC e os militares é ainda resquícios para certos partidos políticos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço especialmente a Deus, e ao meu orientador. Gratidão pelo esforço da comissão que organizou a semana universitária.

REFERÊNCIAS

- CARDOSO, Carlos. **Formação e recomposição da elite política moderna na Guiné-Bissau: Continuidades e rupturas (1910-1999)**. In: VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. 2004.
- CARDOSO, Carlos. **Transição Democrática na Guiné-Bissau um parto difícil**. Instituto nacional de estudos e pesquisas, Bissau, 1995.
- CARVALHO, Ricardo Ossagô de. **Que Democracia? O processo de transição política guineense e a**

atuação das forças armadas na condução da política nacional (1994-2009). Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Centro de Ciências Humanas e Letras - CCHL, Universidade federal do Piauí, Teresina, 2010.

CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa, Métodos, Qualitativo, Quantitativo e Misto.** 3ªed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DOWNS, Anthony. **Uma teoria econômica da democracia.** São Paulo: EDUSP, 1999.

ÉVORA, Roselma. **A abertura política e o processo da transição democrática em Cabo Verde.** (Dissertação de Mestrado em ciência política), Universidade de Brasília, 2001.

FAORO, Raymundo. **Os Donos do poder - Formação do patronato político brasileiro.** 3ª edição, Globo, 2001.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem.** Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

MARX, Karl. **A ideologia alemã.** 9ª ed. São Paulo: Hucitec, 1993.

MENDES, Livonildo Francisco. **Democracia na Guiné-Bissau: por uma mudança de mentalidades.** 2010. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2010.

N'BUNDE, Timoteo Saba. **As Políticas Externas Brasileira e chinesa para a Guiné-Bissau em abordagem comparada (1974-2014).** Rio de Janeiro: Gramma, 2018.

RESQUE, João Daniel Daibes; DORIVAL, Fagundes Cotrim Junior. **Democracia liberal: sufrágio e deliberação como primeiros passos para uma sociedade plural.** Revista estudos institucionais, v.3, n.1, 624-648, 2017.

TÉ, Paulo Anós; MONTEIRO, Artemisa Odila Candé. **Transição democrática na Guiné-Bissau: Uma análise sobre a mercantilização da democracia.** Revista da Associação Brasileira de Estudos Africanos, V.04, N.04, 2020.

TEIXEIRA, Ricardino Jacinto Dumas. **Sociedade civil e democratização na Guiné-Bissau, 1994-2006.** 2008. 132 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Departamento de Ciências Sociais - Universidade federal de Pernambuco, Recife, 2008.